A watercolor illustration of a statue of St. John Baptist Machado. The statue is depicted in a dark greenish-grey tone, standing and holding a cross high in its right hand. The background is a light blue sky with soft, white clouds. Below the statue, the top portion of a building is visible, featuring a white facade with yellow trim around the windows and a brown roofline.

# João Baptista Machado

Um Angrense  
dos Açores para o Mundo

*Autor do Texto* Nuno Pacheco Sousa

*Ilustrações* Ir. Adelina Alves, FHIC



# João Baptista Machado

Um Angrense dos Açores para o Mundo



*Edição*  
Diocese de Angra  
e Câmara Municipal de Angra do Heroísmo  
2022

*Título*  
**João Baptista Machado**  
Um Angrense dos Açores para o Mundo

*Autor do Texto*  
Nuno Pacheco Sousa

*Ilustrações*  
Ir. Adelina Alves, FHIC

*Design Editorial*  
César Martiniano

*Impressão e acabamento*  
A definir

ISBN ???-??-????-??-?  
Depósito Legal 000000/00  
Tiragem 500 exemplares

É com enorme prazer que lançamos o álbum biográfico de João Baptista Machado, um angrense dos Açores para o mundo, com textos da autoria do jovem Padre Nuno Sousa, e desenhos originais de Adelina Alves, das irmãs hospitaleiras que estão no Colégio de Santa Clara da cidade de Angra.

Em boa hora, a Delegação da Ilha Terceira do Serviço Diocesano da Pastoral da Cultura, por iniciativa do Padre Doutor Duarte Manuel Gonçalves da Rosa, com o apoio da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, oferece ao público, sobretudo ao mais jovem, uma obra inédita de autores açorianos.

João Baptista Machado, apesar de ser «o maior de todos os açorianos», tem tudo para ser declarado santo para a Igreja Universal, pelas mesmas razões que levou o Papa Pio IX a declara-lo bem-aventurado para os Açores, e ao mesmo tempo, para ser esquecido. Nasceu numas ilhas longínquas, remotas e ultraperiféricas, no final do século XVI, tendo morrido com apenas 37 anos, sem deixar escritos que se conheçam; foi martirizado no Japão, numa terra distante, não havendo vestígios de um local onde esteja sepultado, sendo lançado ao mar, para que a memória se apague.

Ora, é contradizendo estas objeções, que à medida que as gerações se vão distanciando, a sua vida pode ficar no desconhecimento de uns e no esquecimento de outros. Para que tal não aconteça, fazia falta dar a conhecer ao público mais jovem o padroeiro da Diocese de Angra, dos emigrantes e missionários açorianos, e agora padroeiro, modelo e padrão dos jovens açorianos que participam nas Jornadas Mundiais da Juventude.

Assim, ficamos a conhecer de um modo simples e belo, pelo conteúdo e pela forma, um jovem nobre e bom, são e santo, orgulho das suas gentes, testemunha máxima do evangelho, inspiração e estímulo para a fé cristã universal, sempre vivida localmente.

*Hélder, Administrador Diocesano de Angra*

No ano pastoral de 2015/16, assumi o cargo de delegado da Pastoral da Cultura, na ilha Terceira.

Entre os vários projetos, constava uma publicação sobre a vida de João Baptista Machado, destinada a leitores mais jovens, a fim de divulgar o denodo do jovem terceirense na transmissão da alegria do Evangelho de Jesus Cristo.

O livro, que agora surge, resulta de uma odisséia de sete anos, já não como projeto do serviço com o qual colaborei, mas como coedição da Diocese de Angra e da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

Quando pensei numa biografia de João Baptista Machado, ocorreu-me a coleção Retratos, da Direção Regional dos Assuntos Culturais, sobre personalidades ilustres açorianas, na qual fui autor de uma edição bibliográfica sobre a vida de Tomás Borba, com ilustrações de D' Olivares.

Para escrever o texto, convidei Nuno Pacheco Sousa - hoje Presbítero - por saber da sua inteligência, capacidades intelectuais, cultura geral e escrita escorreita. E acertei. Estou certo de que o público concordará comigo, quando tiver acesso à pequena monografia que agora se edita.

Para ilustrar, convidei a Ir. Adelina Alves, Franciscana Hospitaleira da Imaculada Conceição. Conhecia o seu elevado mérito nas artes plásticas, através das suas pinturas, num estilo muito próprio de superior qualidade.

A ilustradora soube, de forma inteligente, situar-nos nos espaços, pelas referências que hoje temos; não inventou, por exemplo, uma Sé ou uma rua Direita quinhentistas e seiscentistas que desconhecemos: inventar seria um logro. Portanto, através das representações hodiernas, a artista situa-nos nos contextos dos espaços físicos angrenses. Seguro estou de que os leitores deliciar-se-ão com a beleza dos desenhos.

Parabéns aos autores pelo contributo para a cultura e história da igreja açoriana, e que, por toda a humanidade, interceda o Bem-aventurado João Baptista Machado.

*Pe. Duarte Manuel Gonçalves da Rosa*







Se bem me lembro, foi algures pelo ano de 1582 que nasci numa das casas do centro da cidade de Angra, depois chamada “do Heroísmo”.  
Puseram-me o nome de João Baptista Machado de Távora.  
Um nome profético, como o do primo de Jesus...



Os meus pais eram senhores com algumas posses. Eram eles: Cristóvão Nunes Vieira e Maria Cota da Malha.

Descendiam de famílias ilustres que vieram habitar a Ilha Terceira.

Pouco tempo depois fui batizado na Igreja da Sé. Até hoje, este acontecimento é recordado junto da pia batismal.

Numa das janelas, existe uma gravura com a minha imagem.



Desde cedo, vi-me rodeado por muitas pessoas importantes na sociedade.

— Acreditas que uma jovem quase me foi prometida em casamento?

Pois é! Mas o meu sonho sempre foi outro.



Aos 6 ou 7 anos, já eu desejava dar a minha vida por Jesus no Oriente. O Catolicismo crescia no Japão a olhos vistos e eu desejava muito poder ser missionário naquele país. Era ainda uma terra livre, onde os Católicos podiam manifestar publicamente em quem acreditavam.

Depois, nem sempre foi assim. Foram sendo impedidos de ir a uma Igreja, à Missa ou de participar em qualquer outra manifestação católica, como eu ou tu podemos fazer, sabes? Rezavam escondidos, com medo, porque podiam ser presos, torturados e mortos.

Mas isso já te conto eu daqui a pouco.





A minha casa em Angra ficava próxima da Igreja e do Colégio dos Padres Jesuítas. Aquela Igreja e aquele casarão enormes, pintados de branco, com barras amarelo-torrado e que hoje em dia chamam de Palácio dos Capitães Gerais, onde funcionam alguns serviços da Região Autónoma dos Açores.

Mesmo ali está uma bonita estátua minha, estou com uma cruz na mão, bem erguida, para que todos possam ver o amor que Jesus tem por nós.

Era aí então que residiam os Jesuítas na cidade de Angra. Jesuítas é o nome dado aos padres da Companhia de Jesus. Nos Açores, havia também Jesuítas em Ponta Delgada e na Horta.



Estávamos então no século XVI (já se passaram alguns dias...).

Por ter um bom porto e muitas fortalezas militares, Angra era um bom lugar onde as naus se abrigavam das tempestades e defesa das ofensivas dos piratas.

Ao chegarem, deparavam-se de imediato com a Igreja da Misericórdia e com o seu Hospital. Era quase um ponto obrigatório de paragem para muitos. Tanto dos que vinham de Lisboa e do norte da Europa, como para aqueles que regressavam das novas terras descobertas.

Imagina a quantidade de pessoas e de produtos que passeavam todos os dias pelas ruas!





Muitos eram os nobres e valentes marinheiros que aqui aportavam.

A Rua Direita enchia-se do festival das cores dos tecidos que eram trazidos de todas as partes do mundo. Eram muitos os cheiros exóticos das especiarias que resultavam em saborosos manjares.

Com estas pessoas também vinham os relatos de grandes homens que tinham seguido aquilo que eu também ambicionava. Lembro-me de ouvir bastante acerca de um Francisco, destemido homem, que ajudava a muitos **a encontrarem-se** com Jesus. Fez muitos cristãos, entre os japoneses. Vindo de Xavier, em Espanha, era, nos nossos dias, um novo São Paulo.

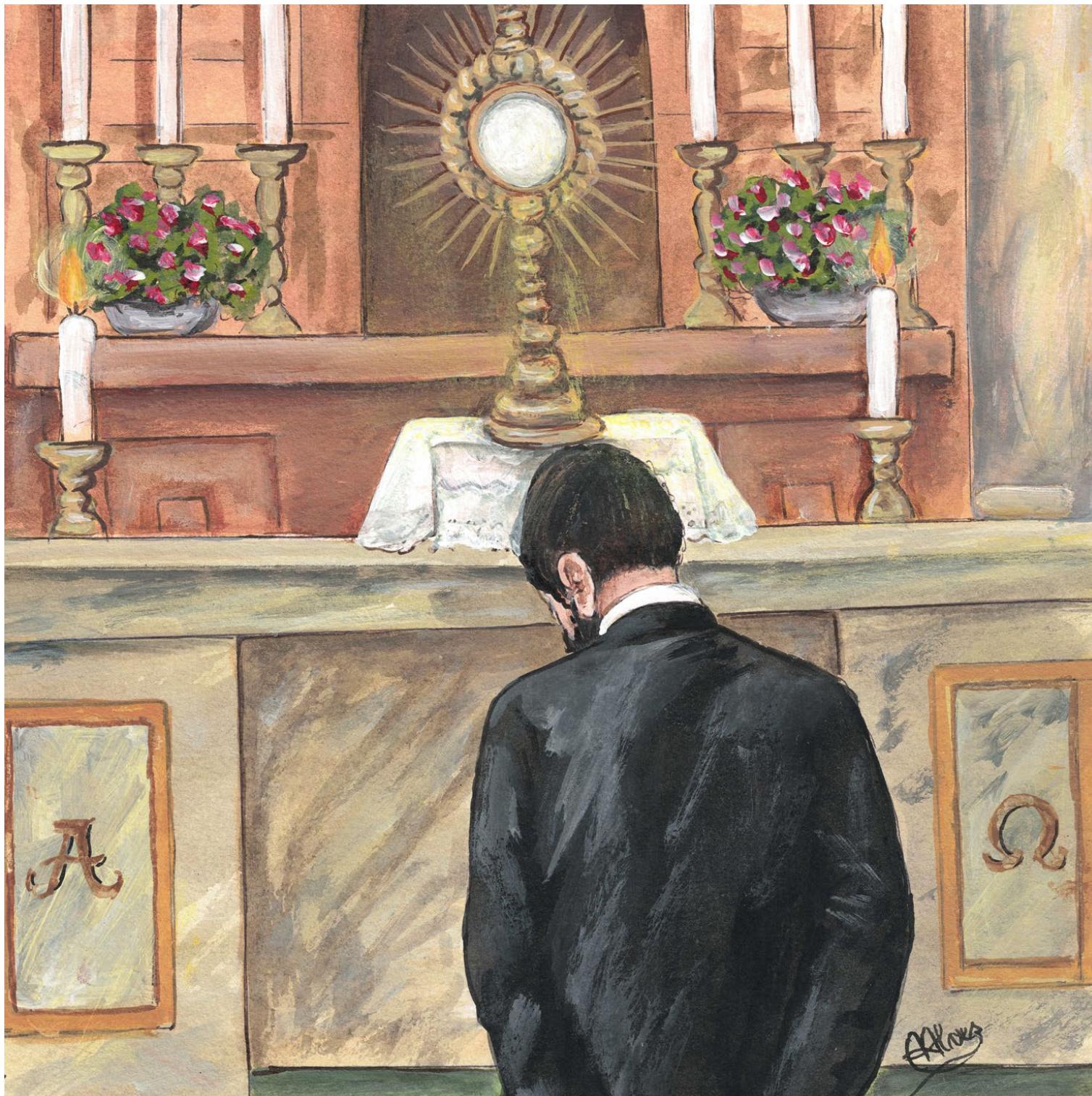
Era um exemplo e motivação.

se encontrarem com jesus  
29



Nasci no tempo em que Portugal esteve — por sessenta anos. — sob domínio espanhol. Por isso, resolveram os meus pais enviar-me em 1597 — mesmo contra a minha vontade — à Corte de Madrid. Tinha sensivelmente 17 anos.

No entanto, chegando a Lisboa, desobedeci-lhes. Fui até Coimbra com o firme propósito de ser aceite como noviço na Companhia de Jesus, como um dia, na Argentina, também o fez um jovem chamado Mário. Hoje ele é o Papa e chama-se Francisco. Já deves, certamente, ter ouvido falar dele.



Tive sorte! Facilmente me aceitaram.  
Era o dia dez de abril de 1597. Começava assim  
o sonho da minha vida. Sendo bom aluno, como  
sempre o fora em Angra, não seria difícil concluir  
em pouco tempo esta fase dos meus estudos.



No ano de 1601 vou para a Índia. Não era ainda bem o local para onde gostaria de ir, mas assim já estaria mais próximo de o conseguir; afinal de contas, já estava no Oriente.

Aí completei o meu noviciado.

O noviciado é o tempo em que um Frade ou uma Freira, ao entrarem numa Congregação são convidados a refletir sobre a sua decisão e escolha, mas também a aumentar os seus conhecimentos.

congregação,



Estudei Filosofia em Goa, na Índia.  
Em Macau, completei os meus estudos em Teologia.  
Nesta altura, muitos eram os portugueses nestes  
lugares.

No ano de 1609, terminado o meu noviciado, e tendo  
sido ordenado padre, fui enviado ao Japão.  
Quanta alegria!

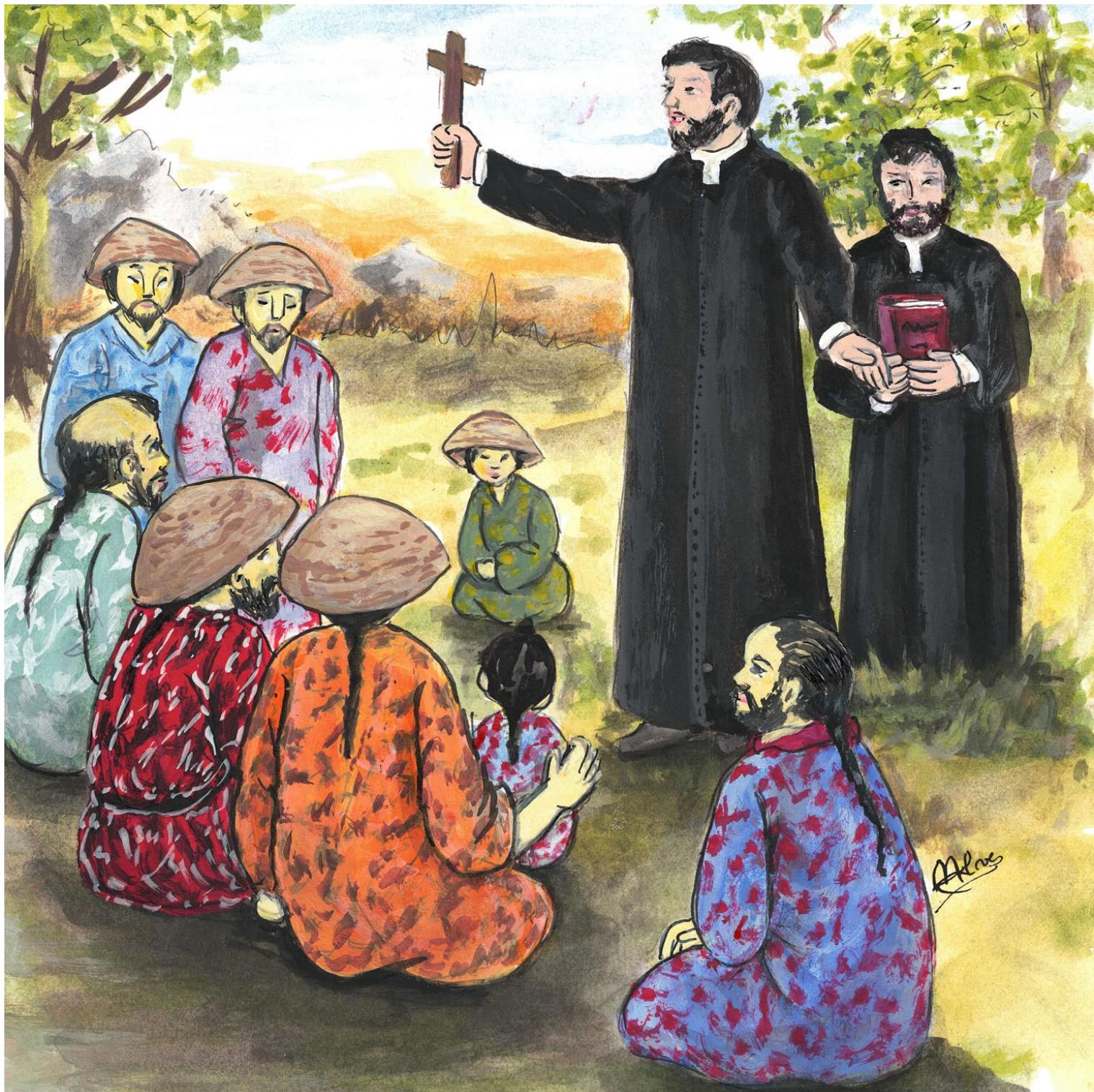


O japonês é uma língua difícil de aprender e eu apenas sabia um quase nada. Fui também descobrir uma nova forma de comunicar.

Fiquei num colégio jesuíta na cidade de Arima. Passei por várias outras cidades.

Preguei aos cristãos da cidade de Fuximo, fui até Miaco e depois Nagasáqui, onde fiquei por vários anos, tendo algumas responsabilidades.

Ensinei, batizei e preguei para muitos cristãos que aí viviam e me procuravam. Viviam aí muitos japoneses que se converteram ao Cristianismo. Era uma cidade grande, com muitas pessoas. Foram anos de grandes trabalhos e de grande felicidade.



Porém, nem eu, nem os meus colegas, poderíamos imaginar o que nos esperava em pouco tempo. Cinco anos depois de lá ter chegado, foi emitido um decreto, expulsando de todo o território do Japão os missionários católicos que lá estivessem. Quem assim não fizesse podia ser preso e morto.

estivessem, sob pena de serem presos ou até morrer.



Por aqueles dias, no Japão, os católicos já eram muitos milhares.

Com o decorrer dos dias, um a um, os missionários iam abandonando aquela terra que tão generosamente nos tinha acolhido. A cada dia que passava, crescia em mim a vontade de ficar, mesmo se escondido e contra a ordem dos governadores japoneses e dos meus próprios superiores, **que nos haviam** ordenado que nos retirássemos.

**retirar o nos**

Acabei por ficar, fazendo o possível: batizando, confessando, celebrando Missa e pregando aos católicos que viviam como anônimos, escondidos nas suas casas, nas suas aldeias.

Só os nossos corações sabiam em quem acreditávamos e quem amávamos. Eram tempos difíceis.



A fé vencia sempre qualquer tipo de vergonha, ultraje ou ameaça de morte. Aprendi muito com eles. Quando lhes tentava dizer para terem cuidado, muitas eram as vezes em que eles, com a coragem da sua fé, me falavam sem nenhuma palavra. Apenas me mostravam um símbolo, um exemplo: o do Salvador do Mundo. Eram muitas as vezes que traziam uma simples cruz escondida entre as suas mãos, ou junto do seu peito, sempre ofegante, com receito de serem apanhados.

Consegui permanecer escondido por três longos e penosos anos.

Em 1617 a perseguição tornava-se mais feroz e a cada dia se tornava mais difícil escapar.

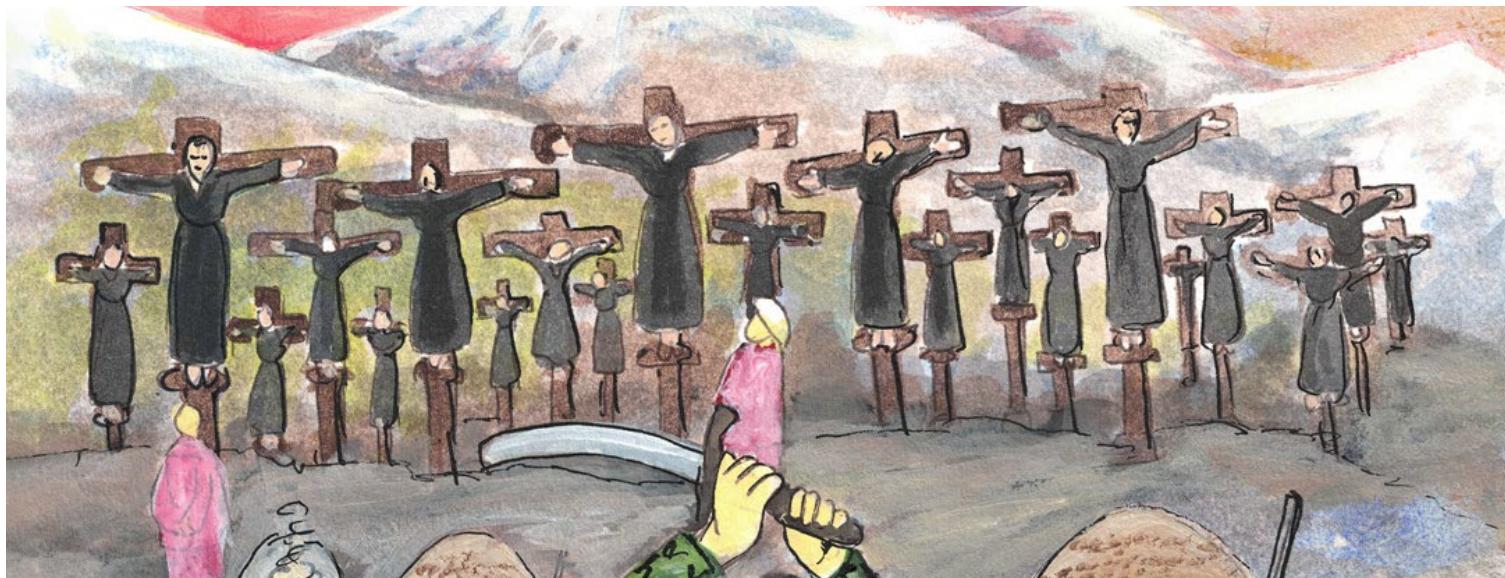
Dos que eram presos, muitos morriam em nome da nossa fé. Pouquíssimos eram aqueles que tinham a coragem de negar Jesus, em troca de uma vida mais facilitada.

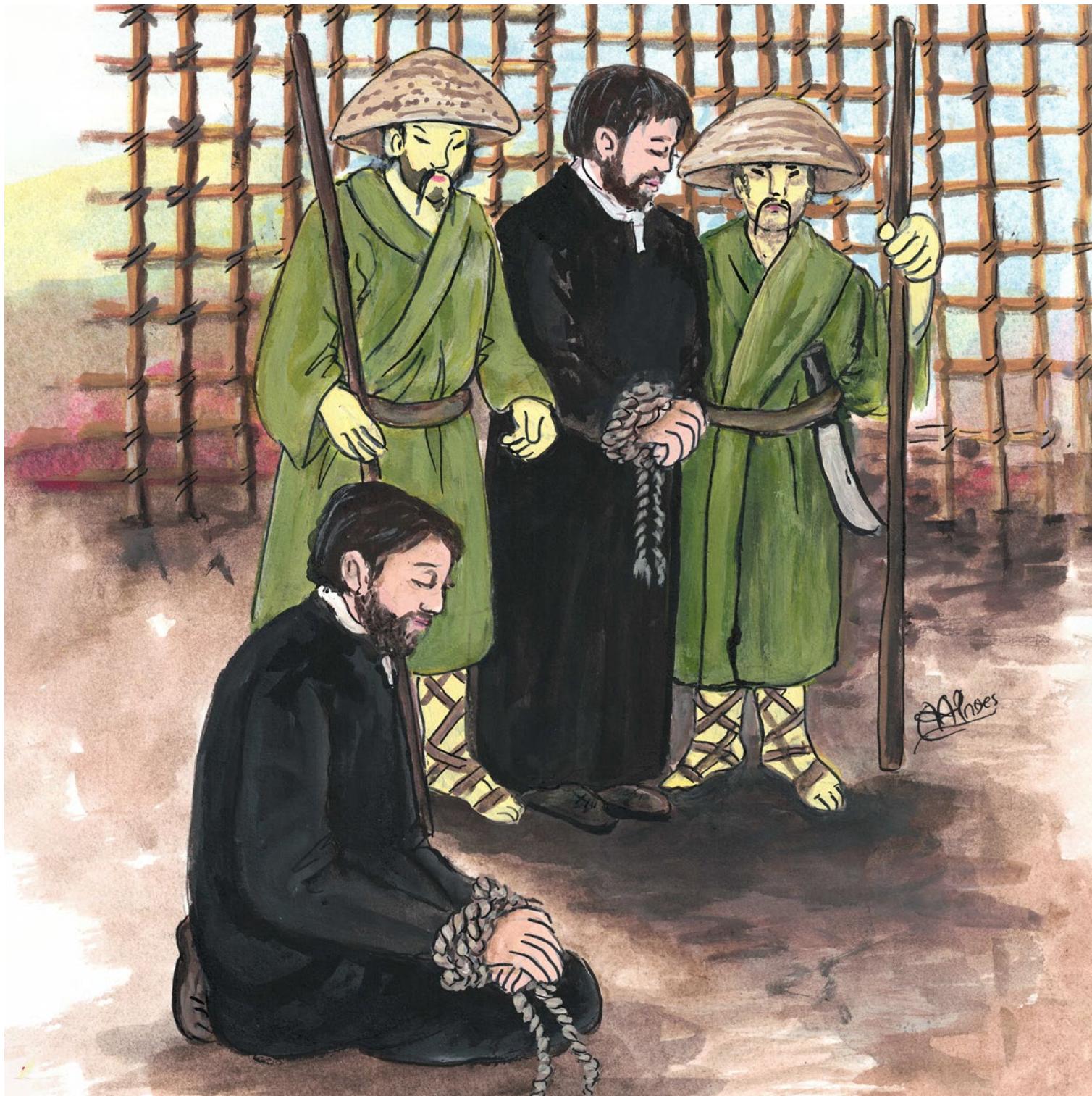
Os que negavam geralmente eram postos em liberdade, mas arrependiam-se de o ter feito.

Fui então entendendo que o meu sonho desde pequenino podia tornar-se um pouco mais radical. Não seria só gastar toda a minha vida no Oriente, mas talvez fosse mesmo preciso dar a vida.

Talvez tivesse de morrer em nome de Jesus, como exemplo, mas também como sinal de que nunca desisti da minha missão.

Rezava muito para que, se isso acontecesse, eu pudesse ser suficientemente forte, tal como foi, em 1597, Paulo Miki (hoje também santo) e todos os seus companheiros, em Nagasaki. O Paulo deu a sua vida justamente no ano em que eu começava esta aventura. Ele pertencia a uma família de samurais e foi o primeiro japonês a ser padre.





Num dos primeiros dias de abril, chegavam os homens do governador Tono, que me prenderam e me levaram para a prisão.

Estava um pouco assustado, mas sentia-me em paz. Tudo o que podia fazer já o tinha feito. Tinha sido preso enquanto escutava e perdoava, em nome de Deus, os pecados de uma pessoa.

Alguns dias mais tarde, enviaram-me para outra prisão, em Omura. Comigo seguiram outros cristãos.

Mesmo na prisão, fui fazendo por eles o que podia. Era bem tratado pelos guardas. Inclusive, um deles era cristão, mas em segredo.



Como reconhecimento, o próprio governador informou-me de que morreria na tarde daquele mesmo dia.

Fui levado para o cimo de um monte. Comigo ia outro padre.

Estávamos serenos e absurdamente felizes por tudo o que estava a acontecer connosco.

Era a tarde do dia vinte e dois de maio de 1617. Tinha 35 anos e uma vida completa. Eu e o meu amigo pudemos ainda rezar um pouco.

Eram muitos aqueles que nos seguiam, rezando e cantando a Deus. Alguns choravam. Isso apertava-me o coração.



Despedimo-nos com um abraço.

-Até ao céu, disse ele. - Até ao céu! - disse ele.

- Até lá! Deus tenha misericórdia de nós, respondi-lhe eu. ... misericórdia de nós. - respondi.

Sorrimos e caminhamos cada um até ao seu lugar. Foi mandado chamar um homem forte e honrado, experiente no manejo de grandes espadas.

Com um forte e preciso golpe, arrancou a vida ao meu colega.

Depois foi a minha vez. Ao terceiro golpe sobre o pescoço, entreguei a Deus a minha vida e parti para a grande e inexplicável viagem.

retirar entrada de  
parágrafo



Recolheram os nossos corpos e deram-nos um funeral digno.

Porque muitos iam ao local onde estávamos sepultados, o governador, num acesso de fúria, temia que nos venerassem como santos e obradores de milagres, fazendo com que aumentasse o número de cristãos.

Com este intuito, mandou que lançassem os nossos restos mortais ao mar.

Foram muitos os mártires no Japão. Mártir é um nome dado às pessoas que são mortas em nome da sua fé. Eles são modelo e inspiração para a Igreja, pelo que fizeram e pela forma como morreram. Muitos foram os padres e irmãos missionários de Portugal e da Europa que aí deram a vida.

O Papa Pio IX, no dia sete de julho de 1867, numa bonita celebração no Vaticano, declarou-nos Beatos (esta palavra significa: felizes). Só no Japão foram declarados 205 mártires. Em Portugal fomos 5, sendo eu o único vindo dos Açores.

Agora somos exemplo para muitos cristãos de todo o mundo.

Estamos perto de Deus. As pessoas rezam em nossa memória, para que peçamos por elas a Deus muitos favores, como, por exemplo, terem de novo saúde.



Em 1874, começaram a festejar a minha vida aqui em Angra do Heroísmo, no dia quinze de fevereiro de cada ano.

Por ter sido um ano

Por ser um ano pouco chuvoso, percorreram a cidade numa procissão com a minha imagem, rogando por chuva.

Há coisas engraçadas!

Como que por milagre, no final da procissão, começou a chover. As plantas e os frutos puderam rapidamente se desenvolver.



Por convite de um Bispo de Angra, em 1876, fui aclamado como protetor divino de Angra e de todos os Açores, inclusive dos nossos emigrantes.

Tanto tempo depois até na América do Norte sou recordado como um açoriano que soube ser um grande homem de fé.  
Nunca tal pude imaginar!



Hoje em dia, nos Açores, celebra-se a minha festa no dia vinte e dois de maio. O dia em que morri.

maio, dia...

Até construíram uma pequena igreja que me é dedicada, na Ladeira Grande, uma localidade da freguesia da Ribeirinha, na Ilha Terceira.

Muitas pessoas pedem a Deus que eu interceda por elas, que eu as ajude.

Muitos querem que eu seja santo.  
Para Deus isso nem é difícil!

Basta haver um milagre e rezar com jeitinho.



### **Nuno Pacheco Sousa**

Nasceu a 25 de maio de 1991 na Ribeirinha, Ilha de São Miguel.

Frequentou a Universidade dos Açores.

Completo estudos no Seminário Episcopal de Angra, sendo ordenado Padre em 2020.

Trabalhou na Ouvidoria e nas Escolas de Vila Franca do Campo e, presentemente, é Administrador Paroquial em Rabo de Peixe e docente de E.M.R.C. na Canto da Maya.



### **Adelina Alves**

Nasceu na ilha de São Jorge, a 2 de janeiro de 1944. No Faial, estudou no Colégio de Santo António e no Liceu. No Porto, concluiu o curso de Educação de Infância, na Escola Paula Frassinetti.

Aos dezoito anos de idade, entrou no Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição.

Lecionou no Colégio de Santo António, na Horta, onde abriu o Jardim de Infância daquela instituição. Tem-se dedicado à pintura, ilustração e textos sobre a vida dos fundadores da sua congregação. Como pintora, elabora material pedagógico para o Colégio de Santa Clara.

O tema predileto da sua pintura é a Virgem Maria com o Menino Jesus ao colo.

É autora da letra da canção *De Todos Mãe*, com música do Pe. Duarte Manuel Gonçalves da Rosa, vencedora do festival dos 150 anos do nascimento da Beata Clara do Menino Jesus, em 1993.





